

1

Chamávamos-lhe professor, o meu filho e eu. E o professor chamava Root ao meu filho. Porque a parte de cima do seu crânio era tão achatada como o símbolo da raiz quadrada.

— Oh, dir-se-ia que lá por baixo há um coração cheio de astúcia — dissera o professor acariciando-lhe a cabeça sem se preocupar com desgrenhar-lhe os cabelos.

O meu filho, que andava sempre com um boné porque detestava os comentários trocistas dos companheiros, encolhera o pescoço para dentro dos ombros, alerta.

— Utilizando-o, podemos dar uma identidade verdadeira tanto aos números infinitos como aos que não vemos.

E traçara o símbolo com a ponta do indicador num canto da sua secretária coberta de pó:



Entre as inumeráveis coisas que o professor nos ensinou, ao meu filho e a mim, a significação da raiz quadrada ocupa um lugar importante. De resto, acredito que o termo inumerável poderia não lhe agradar, a ele que acreditava que toda a organização do mundo podia explicar-se através dos números. Mas pergunto-me como poderia dizê-lo de outra maneira. Ensinou-nos os números primos até à classe das centenas de milhar, bem como os números maiores do

Guinness Book utilizados nas demonstrações matemáticas, e também as noções que ultrapassam o infinito, mas continuo a poder enumerar estas coisas, que são sem medida comum com a densidade das horas que passámos com ele.

Lembro-me muito bem do dia em que os três tentámos, colocando números debaixo da raiz quadrada, ver que passe de magia resultava de o fazermos. O mês de abril acabava de começar, caía uma noite chuvosa. A lâmpada de néon estava acesa no gabinete escuro, a pasta da qual o meu filho se desembaraçara aterrara no tapete, e viam-se lá fora pela janela as flores do damasqueiro molhadas pela chuva.

Uma e outra vez, e fosse o caso qual fosse, o professor não se limitava a esperar de nós uma resposta certa. Regozijava-se quando, sem sabermos o que responder, acabávamos por soltar uma enormidade em vez de nos mantermos obstinadamente em silêncio. E ficava ainda mais feliz quando isso desembocava em novas questões que iam ainda mais longe do que o problema inicial. Tinha uma conceção particular do erro correto, e desse modo era capaz de nos devolver a confiança quando, apesar de todos os nossos esforços, a nossa reflexão não acertava.

— Então, se agora experimentássemos pôr -1 ? — propôs-nos.

— O resultado tem de ser -1 se multiplicarmos duas vezes o mesmo número, hem?

Tinham bastado somente trinta minutos de explicações do professor para que o meu filho, que acabava precisamente de aprender as frações na escola, tivesse integrado a existência desse números inferiores a zero. Imagináramos mentalmente $\sqrt{-1}$. Raiz de 100 igual a 10, raiz de 16 igual a 4, raiz de 1 igual a 1, portanto raiz de -1 igual a...

O professor nunca nos apressava. Gostava acima de tudo de observar os nossos rostos enquanto refletíamos.

— Esse número talvez não exista? — comecei eu por dizer com precaução.

— Existe, sim, aqui — disse ele apontando o seu peito. — É muito discreto, não se mostra, mas está dentro do coração e sustenta o mundo com as suas mãos pequenas.

Tornámos a ficar em silêncio a meditar sobre o aspeto dessa raiz quadrada de -1 que, segundo parecia, nos estendia as duas mãos com todas as suas forças algures num lugar desconhecido e longínquo. Tudo o que ouvíamos era o ruído da chuva. O meu filho levou a mão à cabeça como que para verificar uma vez mais a forma da raiz quadrada.

Mas o professor não se contentava com ensinar. Era reservado perante coisas que não conhecia, tão discreto como a raiz quadrada de -1 . Quando recorria aos meus serviços, dirigia-se a mim como se segue:

— Desculpe, mas...

Pedia sempre desculpa, ainda que se tratasse somente de regular a temperatura do grelhador elétrico para um terço e meio. Eu fazia rodar o botão que tiquetaqueava, e ele ficava ali, com o pescoço estendido, a olhar para o grelhador até a tosta estar pronta. Mantinha-se tão atento ao pão que torrava como ao trajeto a caminho da verdade das nossas demonstrações matemáticas, como se a verdade do primeiro fosse do mesmo nível que a do teorema de Pitágoras.

Foi em março de 1992 que fui enviada pela primeira vez a casa do professor, por recomendação da associação Akebono¹. Era a mais jovem das ajudantes domiciliárias inscritas nessa associação de uma pequena cidade à beira do Mar Interior, mas começara a minha carreira havia mais de dez anos. Durante todo esse tempo, entendera-me sempre bem com os meus empregadores, quaisquer que fossem, e orgulhava-me de ser uma verdadeira profissional do trabalho doméstico. Podiam impor-me clientes difíceis que todas as outras mulheres recusavam sem que alguma vez me queixasse ao presidente da associação.

No caso do professor, uma olhadela à sua ficha de cliente permitia-me supor que se tratava de uma personalidade forte. Quando a ajudante domiciliária era substituída após uma reclamação do empregador, apunha-se no verso do registo daquele um carimbo com uma estrela a tinta azul, e no do professor havia já nove dessas estrelas. Era o recorde de todas as casas com as quais eu estivera em relação até ao momento.

Quando fui visitar a casa do professor para uma primeira entrevista, foi uma velha senhora magra e elegantemente vestida quem apareceu a receber-me. Tinha o cabelo pintado de castanho e apanhado num rolo, um vestido tricotado e uma bengala preta na mão esquerda.

— Queria que se ocupasse do meu querido mais novo.

De início, não compreendi qual era a relação entre o professor e a velha senhora.

— Ninguém fica muito tempo, e nós estamos muito contrariados. Sempre que chega uma nova empregada, temos de voltar ao princípio, e leva tudo muito tempo.

Acabei por compreender que o seu «querido mais novo» designava na realidade um cunhado mais novo do que ela.

— O trabalho que pretendo nem por isso é muito complicado. Trata-se de chegar às onze horas da manhã, de segunda a sexta-feira, para lhe preparar o almoço, limpar e arrumar a casa, fazer as compras e deixar o jantar preparado antes da hora de saída, às sete da tarde. É tudo.

A expressão «querido mais novo» saía-lhe da boca com hesitação. Apesar das suas maneiras corteses, a mão esquerda crispava-se-lhe nervosamente no punho da bengala. De vez em quando, evitando cruzar o meu olhar, relanceava-me com circunspeção.

— Quanto aos pormenores, vamos proceder segundo reza o contrato que entregámos à associação. Contanto que a pessoa seja capaz de o ajudar a viver o dia a dia como toda a gente, da maneira mais normal possível, convém-me perfeitamente.

— Onde está agora o seu cunhado? — perguntei eu.

A velha senhora indicou-me com a ponta da bengala um pavilhão ao fundo do jardim. Atrás de uma sebe de robínias vermelhas muito bem cuidada, entrevia-se através da verdura um telhado de telhas achatadas cor de feijão encarnado.

— Não ande de um lado para o outro entre o pavilhão e a casa principal. O seu trabalho diz unicamente respeito à casa do meu querido mais novo. Há uma entrada especial para o pavilhão, que dá para a rua do lado norte, por isso penso que sem dúvida mais vale

que a utilize. Resolva no interior do pavilhão os problemas que ele lhe ponha. Está entendido, não é verdade? É a única regra que lhe peço que respeite.

A velha senhora deu com a bengala uma pancada seca no chão.

Achei que era uma promessa não muito difícil de cumprir, por comparação com toda a espécie de outras exigências irrazoáveis emanadas dos meus empregadores precedentes, como prender o cabelo com uma fita diferente todos os dias ou preparar o chá com uma temperatura nem acima nem abaixo de setenta e cinco graus, ou rezar de mãos postas quando Vénus aparecia no céu.

— Posso ver o seu cunhado?

— Não é necessário — declarou ela num tom tão categórico que fiquei com a impressão de ter dito alguma coisa infeliz impossível de remediar. Mesmo que ele a veja hoje, amanhã já se terá esquecido. É por isso que não é necessário.

— O que é que isso quer dizer?...

— Pois bem, para ser franca, tenho de lhe confessar que ele tem a memória perturbada. Não está senil. No conjunto, as células do cérebro continuam saudáveis e funcionam bem, mas desde há dezasseis anos ficou com uma parte delas desarranjadas, de maneira que perdeu a faculdade de memorizar. Teve um acidente de viação e sofreu um trauma na cabeça. A memória dele acaba em 1975. Desde então, por mais que tente acumular novas recordações, elas apagam-se imediatamente. Embora se lembre dos teoremas que demonstrou há trinta anos, não se lembra do jantar que comeu na véspera. Resumindo, não é capaz de instalar na cabeça um vídeo com mais de oitenta minutos. Se registar mais do que isso, as recordações anteriores apagam-se umas atrás das outras. A autonomia da memória do meu querido cunhado não dura mais de oitenta minutos. O que significa exatamente uma hora e vinte minutos.

A velha senhora repetira sem dúvida várias vezes as mesmas explicações. Falava com à-vontade, sem qualquer emoção particular.

Era-me difícil fazer uma ideia concreta do que poderia ser uma memória de oitenta minutos. É certo que me ocupara várias vezes de doentes, mas não via em absoluto de que maneira essa experiência

me poderia ser útil. E ainda que demasiado tarde, pensei nas estrelas azuis que se sucediam no registo.

Segundo o que distinguia a partir da casa principal, o pavilhão silencioso parecia desabitado. Na sebe de robínias vermelhas instalara-se um pequeno portão envelhecido que dava acesso ao pavilhão. Olhando melhor, via-se que tinha uma sólida fechadura. Uma fechadura completamente enferrujada, suja de excrementos de pássaro, na qual em vão se introduziria uma chave tentando abri-la.

— Portanto, a partir de segunda-feira, depois de amanhã, se não vê alguma dificuldade, de acordo? — continuou ela, como se não quisesse deixar-me tempo para continuar a refletir.

Foi assim que me tornei ajudante domiciliária do professor.

Por comparação com a magnífica casa principal, o pavilhão não era simplesmente sóbrio, mas francamente lamentável. Com um só piso, compacto e frio, dava a impressão de ter sido construído a contragosto, por necessidade. Talvez para dissimular o seu aspeto, a vegetação circundante crescia livremente, sem que fosse cuidada. A entrada não recebia sol, a campinha, partida, não funcionava.

— Que número calça?

A primeira pergunta que o professor me dirigiu quando me apresentei como a nova ajudante domiciliária não dizia respeito ao meu nome, mas à medida dos meus sapatos. Não teve uma palavra para me saudar, nem inclinou a cabeça para me cumprimentar. Respeitando a regra inflexível estabelecida pela minha empregadora que queria que eu respondesse a todas as perguntas dele, quaisquer que fossem, respondi prontamente.

— O 24.²

— Oh, um número muito claro. Fatorial de 4.

O professor cruzou os braços, fechou os olhos. O silêncio prolongou-se por um momento.

— O que é que fatorial quer dizer? — perguntei eu, na medida em que pensava, não sei porquê, que, se um número de calçado tinha

tanta importância para o meu empregador, seria bom que eu prolongasse um pouco o tratamento do tema.

— O produto dos números naturais de 1 a 4 é igual a 24, respondeu o professor sem abrir os olhos. Qual é o seu número de telefone?

— 576 1455.

— 576 1455, foi o que disse? Não é espantoso? É igual à quantidade dos números primos até cem milhões.³

Abanou a cabeça como se estivesse realmente espantado.

Embora não conseguisse compreender o que tinha de espantoso o meu número de telefone, o calor da voz dele chegou até mim. O professor não parecia estar a exhibir os seus conhecimentos; fazia-me sentir, muito pelo contrário, a sua reserva e a sua franqueza. Essa impressão de calor mergulhava-me na ilusão de que o meu número de telefone dissimulava um destino particular, e de que a minha sorte de o ter talvez fosse também particular.

Pouco depois de ter começado a frequentar o pavilhão como ajudante domiciliária, descobri que o professor, quando o submergia a confusão de não saber o que dizer, tinha por hábito propor números em vez de palavras. Era um meio que descobrira de comunicar com os outros. Os números eram a mão direita que lhes estendia para um passou-bem, ao mesmo tempo que lhe serviam como uma capa protetora. Uma capa que ninguém podia fazê-lo tirar, tão pesada e espessa que passando a mão por cima dela não era possível distinguirem-se os contornos do seu corpo. Envergando-a, ele garantia desde logo para si um lugar onde estar.

Até ter deixado de trabalhar como ajudante domiciliária, todas as manhãs repetíamos na entrada a nossa conversa com números. Para o professor, cuja memória se extinguia ao fim de oitenta minutos, eu, ao aparecer na entrada, era sempre alguém que ele via pela primeira vez. Assim, era sinceramente que me mostrava a reserva que se experimenta perante alguém que nunca se viu antes. Além do meu número de calçado e do meu número de telefone, podia perguntar-me o meu código postal, o número de série da minha bicicleta, o número de traços dos caracteres chineses do meu nome, aos quais dava sempre de imediato um significado. Não parecia esforçar-se à

procura dele; os termos como fatorial ou número primo saíam-lhe da boca com naturalidade.

Até mesmo depois de ter obtido do professor, pouco a pouco, na entrada, explicações relativas aos factoriais ou aos números primos, saboreava sempre com uma sensação de frescura as suas explicações. Sentia-me segura para começar o dia, depois de verificar que o meu número tinha de facto uma significação diferente da de me ligar ao telefone, e de ouvir ressoar claramente essa significação.

O professor, com sessenta e quatro anos de idade, era um professor universitário, cuja especialidade era a teoria dos números. Parecia fatigado para a idade. Não tinha um ar simplesmente envelhecido, mas dava a impressão de que os nutrientes não se repartiam igualmente no seu corpo. Tinha as costas terrivelmente abauladas, o que o fazia aparentar menos do que o seu metro e sessenta, a sujidade acumulava-se-lhe nas pregas enrugadas da nuca ossuda, tinha desgrenhados os cabelos brancos e secos, que dissimulavam pela metade umas orelhas cujos lobos eram contudo espessos como os de um buda-amuleto. A voz dele era fraca, os seus gestos lentos, e precisava de duas vezes mais tempo do que eu poderia ter imaginado para fazer fosse o que fosse.

Mas, se o observássemos atentamente sem permitir que o seu aspeto enfermício nos perturbasse, tinha um belo rosto. Fora sem dúvida um homem bonito no passado. O seu queixo incisivo e os seus traços bem desenhados continuavam a ser sedutores.

Quer ficasse em casa ou saísse, o que raramente fazia, o professor estava invariavelmente de casaco e gravata. Tinha três fatos, um para o inverno, um para o verão e um de meia-estação para a primavera e para o outono, três gravatas, seis camisas, um verdadeiro sobretudo, em lã por uma vez e não em números, e não havia mais nada no seu armário. Nem um pulôver nem calças de pano. Para uma ajudante domiciliária, era um armário ideal, fácil de arrumar.

Talvez ele não soubesse que existiam outras coisas para vestir além dos fatos. Não mostrava qualquer interesse pela roupa dos outros, e por maioria de razão não lhe ocorria sem dúvida consumir

inutilmente o seu tempo interessando-se pela sua própria aparência. Levantava-se de manhã, abria o armário, vestia o fato que não estava embrulhado no plástico da lavanderia e isso, só por si, levava-lhe dez minutos. Os três fatos, escuros e gastos, convinhavam perfeitamente à impressão que se desprendia do professor, e dir-se-ia até que se tornavam uma sua segunda pele.

Falo da roupa dele porque o número de pequenas notas fixadas aqui e ali no tecido do casaco foi para mim extremamente desconcertante. Na gola, nas mangas, nos bolsos, nas bainhas, na cintura das calças, nas botoeiras, havia notas em todos os lados possíveis e imagináveis. Todo o tecido do casaco se apresentava amarrutado e deformado pelas molas que as prendiam. Alguns desses pedaços de papel estavam rasgados, outros amarelecidos ou em mau estado, mas em cada um deles havia alguma coisa escrita. Para os ler, tínhamos de os aproximar e ver com atenção. Eu supunha que para compensar a sua memória que se extinguia a cada oitenta minutos, ele anotava as coisas que não devia esquecer, e que para não se esquecer do sítio onde pusera as notas as fixava com pequenas molas sobre o corpo, mas saber como acolher a sua silhueta era uma questão muito mais difícil para mim do que dizer-lhe que número calçava.

— Muito bem, então entre. Tenho de trabalhar e não posso prestar-lhe atenção, mas é livre de fazer o que tem a fazer.

Era assim que o professor me acolhia antes de entrar para o seu gabinete. E quando se movia as suas notas faziam ouvir um roçar seco.

Segundo as informações respigadas pouco a pouco junto das nove colegas ajudantes domiciliárias que tinham sido despedidas antes de mim, a velha senhora da casa principal era viúva, e o seu marido defunto fora, ao que parecia, o irmão mais velho do professor. Se este pudera continuar os seus estudos de matemática na Universidade de Cambridge em Inglaterra apesar do falecimento prematuro dos pais, fora graças a esse irmão mais velho que, tendo herdado a

empresa têxtil familiar, se esforçara por expandi-la a fim de financiar os estudos do irmão doze anos mais novo do que ele. Precisamente no momento em que o professor obtivera o seu doutoramento (porque ele era um verdadeiro doutor) e encontrara trabalho no centro de investigações matemáticas da universidade, tornando-se por fim independente, o irmão mais velho morrera de uma hepatite aguda. Como a viúva não tinha filhos, encerrara a empresa e construíra nos seus terrenos um prédio de habitação, a fim de viver do seu arrendamento. O acidente de viação do qual o professor fora vítima aos quarenta e sete anos mudara por completo a vida tranquila que um e outro levavam, cada um para seu lado. Um veículo que vinha em sentido contrário e cujo condutor adormecera ao volante chocara em cheio com o carro conduzido pelo professor, causando-lhe danos irreparáveis no cérebro. O que tivera por consequência que perdesse o trabalho no centro de investigação. Desde então, ao que parecia, e até ao momento presente, quando estava prestes a fazer sessenta e quatro anos, permanecera celibatário, sem poder dispensar o auxílio que lhe concedia a viúva do seu irmão, e não dispondo de outros recursos além do dinheiro que recebia vencendo concursos das revistas de matemática.

— Com o parasita de um cunhado que lhe devora completamente a herança do marido, essa pobre viúva é também de lamentar — observou uma ajudante domiciliária experimentada que fora despedida ao fim de uma semana por ter reagido violentamente aos assaltos numéricos do professor.

O interior do pavilhão era tão frio como o seu aspeto exterior. Contava somente duas divisões, uma sala de jantar-cozinha e um gabinete que servia igualmente de quarto, cuja aparência desconso-lada prevalecia sobre a exiguidade. Por mobília não continham senão móveis baratos, o papel de parede era baço, o chão do corredor rangia desagradavelmente. E além da campainha, tudo o resto não funcionava ou funcionava mal. O vidro da claraboia da casa de banho estava rachado, o fecho da porta de serviço quase arrancado e, por mais que se carregasse no botão do rádio poisado em cima do bufete, nenhum som dele saía.